

SHIN CHAN



UM  
REENCONTRO NO  
NECROTÉRIO

A MORTE NÃO ME TIRARÁ VOCÊ

UM  
REENCONTRO No  
NECROTÉRIO

**Shin Chan**

Copyright Shin Chan, 2024

Título: Um Reencontro No Necrotério

Autor: Shin Chan

E-mail: [odilsonpruwetinho@gmail.com](mailto:odilsonpruwetinho@gmail.com)

Facebook e Instagram: Shīn Chān

Tel.: +244 933748397/938484109

Design de capa: Shin Chan

Revisão: Shin Chan

1ª Edição: Março, 2024

ISBN: 978-989-54919-8-8

---

Proibida a reprodução, no todo ou em partes, seja por meio electrónico, mecânico,  
fotocópia, sem a autorização por escrito do autor.

---

A todos os amantes da literatura

## Prólogo

### UM SONHO NA CAMA DO HOSPITAL

Após o maravilhoso dia em Moçamedes, Na província do Namibe, em uma noite estrelada, Francisco e Lueji, um casal jovem muito apaixonado, decidiram comemorar o aniversário de namoro de 5 anos em grande estilo. Após um jantar romântico em um dos melhores restaurantes da cidade, Lueji subiu ao carro de Francisco, afirmou estar muito feliz, mas também cansada, e pediu que o namorado iniciasse a viagem e lhe levasse de volta para casa, na cidade do Lubango, Huíla, a província vizinha. Francisco aceitou, sabia que a namorada, apesar dos alaridos da família dela acerca dele, o amava muito.

A Serra da Leba, que durante o dia é uma estrada incrível localizada em Angola, conhecida por sua paisagem deslumbrante e pela engenharia impressionante. A estrada que serpenteia pelas montanhas, proporcionando vistas de cortar a respiração e um verdadeiro espetáculo natural; famosa por seus ziguezagues, curvas acentuadas, estrada que conecta a cidade de Lubango ao litoral angolano, atravessando montanhas e vales exuberantes ao longo do percurso, durante a noite, era longa e sinuosa, com pouca iluminação e cheia de buracos, o que exigia toda a atenção de Francisco ao volante. Enquanto dirigiam, Lueji segurava a mão do Francisco e olhava para o céu estrelado, sentindo-se completamente feliz e realizada com quase tudo ao lado do seu grande amor.

[...]



*– Amor... É só um sonho muito muito longo,  
acooordaaa... Nós precisamos de ti, Franciis...*



A música suave “casa comigo” de Gerilson Israel tocava no rádio do carro, criando uma atmosfera ainda mais romântica para o casal. Eles conversavam muito, riam juntos e compartilhavam planos para o futuro, cercados pela escuridão da estrada. De repente, um barulho estranho reçoou no carro. Após algumas horas na estrada, enquanto desciam uma montanha, Francisco percebeu que o pedal do travão estava mais mole do que o normal. Preocupado, tentou acionar os travões novamente, mas, para seu desespero, o pedal afundou até o chão e o carro começou a ganhar velocidade descontroladamente.

Lueji, ao seu lado, ficou apavorada ao perceber a situação e segurou a mão do namorado com força, enquanto seus olhos se arregalavam de medo. O vento batia no rosto deles enquanto o carro descia a toda velocidade pela montanha íngreme, sem travões para detê-lo, fazendo com que Francisco perdesse o controle da direção. Francisco, mantendo a calma, tentou usar o travão de mão para reduzir a velocidade do veículo, mas foi em vão. O carro continuava a ganhar velocidade, e eles viam curvas perigosas se aproximando rapidamente, com abismos ao lado da estrada. Com determinação, e a vontade de não quer morrer, manteve o controle do volante e alertou Lueji para se segurar firme. Enquanto isso, ele buscava desesperadamente uma maneira de parar o carro antes que fosse tarde demais...

[...]



– A morte não me tirará você, então  
llevaaantaaa... dessa maldita cama!



Francisco e Lueji, atordados e assustados, saíram do carro e se abraçaram. O carro estava danificado, mas o mais importante era que eles estavam juntos e seguros... Respirando aliviados, agradecendo por terem escapado por um triz de um acidente grave. Naquela noite caso à cidade, ele se sentaram à beira da estrada antes de chegar à rua da Lueji, olhando para o horizonte e refletindo sobre a importância de valorizar cada momento juntos e de enfrentar os desafios da vida com coragem e amor. Sorriam bonito.

[...]



## ALGUNS ANOS ATRÁS

Eram 14h e pouco quando Lueji, num piscar de olhos, viu um jovem que trajava uma t-shirt branca, mas amarrada, e um calção jeans rasgado passando por ela a toda velocidade. O jovem revela uma mistura de medo e angústia em seu rosto enquanto corria por sua vida. Pulava e se batia contra as pessoas à frente. Desse jeito, parecia até que o Diabo procurava por ele.

— Têm mais cuidado, óh moço! — exclamou a Lueji. — Olha por onde é que passas — continuou, mas dessa vez, alguma coisa dentro de si disse-lhe para que se virasse e olhasse atrás. E, finalmente quando olhou, viu catanas, pneus, blocos, ferros, paus e pedras que uma multidão enfurecida trazia.

— É gatuno, lhe agarram! É gatuno, é gatuno... — gritava a multidão.

Já cansado, sem ar e com os pulmões pedindo socorro, a velocidade em que o jovem corria no princípio começou a diminuir e, sem saber de onde, um bloco atingiu-lhe a cabeça. Enjoado de dor, caiu inconsciente no chão, numa poça de lama que se encontrava no meio da rua e não se levantou. Não.

— Vamos lhe matar, esse procurou azar dele — diziam os jovens com pneus na mão. — Vamos lhe queimar, xê! — continuavam, enquanto batiam nele.

Colocaram pneus nele pronto para o queimar. Mas, para a sua sorte, três moços agentes dos serviços de investigação criminal que estavam por perto, em um restaurante viram a multidão e o tumulto, e decidiram sair para ver o que realmente se passava. Os SIC salvaram a vida do jovem, acalmaram a multidão enraivada e deixaram o jovem se explicar. Após a explicação, chegou-se a conclusão que foi apenas um engano e que o jovem não era um gatuno. Mas quem o acusara de gatuno no primeiro instante não se fazia presente, a multidão sem saber especificamente quem o acusou e o que ele poderia ter roubado, apenas partiram para agressão porque era constante o roubo naquele bairro por jovens marginais tanto de dia como de noite.

Após a explicação, uma mulher que também estava na multidão gritando que o matassem, deixando cair o ferro que trazia na mão disse:

— Filho alheio!

— Hilário. Angola é mesmo o único país onde a expressão “Filho alheio” significa boa pessoa. Ainda por cima depois de tudo o que lhe fizeram? Vocês têm coragem, yeah — expressou Lueji num tom de ironia.

Minutos depois, Lueji subiu no táxi para casa. Porém, durante a viagem, a janela do táxi tinha qualquer coisa que lhe fazia refletir muito sobre a vida; os problemas amorosos, acadêmicos e familiar. Uma fase bué difícil.

Após alguns meses, durante o caminho de volta, Lueji conhece alguém, um jovem que seria então o amor da sua vida, Franciis, um dos SIC e médico-legista que no outro dia entreviu para que a multidão enraivada não matasse o jovem.

Lueji morava só com a mãe que era viúva. Lueji enfrentava um problema familiar há anos, desde pequena. Era com a família do seu pai.

\*\*\*

Presente

## O MILAGRE DENTRO DO HOSPITAL

Dona Cláudia, a enfermeira, logo ao entrar na sala onde se encontrava o paciente que há muito dormia, ouviu e viu de longe, ainda na porta por se fechar, o aparelho responsável por monitorar várias funções vitais do paciente, como frequência cardíaca, pressão arterial, saturação de oxigênio no sangue e frequência respiratória, em chamadas fornecendo informações essenciais para a equipe médica acompanhar o estado de saúde do paciente que lá estava, em tempo real, o chamado monitor multiparamétrico.

Deixou cair os bolinhos que entra comendo quando viu um dos seus pacientes favoritos movendo a mão direita e um sorriso no rosto que bruscamente sumiu fazendo com que o tom de preocupação e angústia tomassem conta do indivíduo. Era como alguém chamasse por ele pedindo ajuda.

— Não... Espere por mim, eu encontrarei você. Eu vou encontrar vo...  
— despertou gritando, minutos depois desmaiou como se fosse de cansaço.

A sala do hospital era um lugar silencioso e quase fúnebre, imerso em uma atmosfera melancólica que pairava no ar como uma névoa densa e opressiva; desgastado e frio rangia sob os passos apressados dos profissionais de saúde, enquanto o tic-tac constante dos ponteiros do relógio preenchia o vazio do lugar com um som monótono e implacável.

No canto da sala, um leito vazio era o lar de um paciente que há anos permanecia em um estado de coma profundo, preso em um mundo de sonhos sem fim e memórias desvanecidas. Sua presença imóvel e silenciosa parecia ser uma sombra do que um dia foi, um lembrete doloroso da fragilidade da vida e da efemeridade da esperança. Os objetos dispersos pela sala contavam a história do paciente que ali jazia, fotografias desgastadas, flores murchas e cartas amareladas, testemunhas mudas de um passado que parecia distante e inalcançável.

No entanto, em um dia como qualquer outro, um milagre silencioso aconteceu: o paciente, que há tantos anos permanecia imerso em um sono profundo, lentamente começou a despertar para a vida, como se as correntes

do passado finalmente se quebrassem e a luz da esperança brilhasse mais uma vez. Franciis tinha desperta do coma de forma gradual, mas infelizmente de nada se lembrava ou conseguia se lembrar naquele exato momento de tensão. Mas tarde, com os sentidos voltando lentamente à consciência, ele encontrou um ambiente hospitalar ao seu redor, com luzes brancas e o som constante de máquinas e vozes distantes.

Inicialmente, ele sentiu uma grande confusão, sem entender exatamente o que estava acontecendo e onde estava. Sua memória estava nublada e ele tinha dificuldade em articular pensamentos claros. As lembranças do terrível acidente de carro começaram a surgir aos poucos, como flashes rápidos e perturbadores, trazendo consigo a sensação de dor e desespero.

Ao mesmo tempo, em meio a esses momentos assustadores, o paciente também começou a recordar de momentos felizes e reconfortantes ao lado de sua amada. Imagens de sorrisos, abraços calorosos e gestos de carinho preencheriam sua mente, trazendo uma sensação de paz e aconchego em contraste com a angústia do acidente. Conforme os flashbacks se intensificavam, Franciis sentia uma mistura de emoções conflitantes, oscilando entre a tristeza e a saudade.

Alguns dos profissionais viram a enfermeira correndo alegremente pelo corredor e decidiram ir lá ver o que se passava, quando lá chegaram, observaram perplexos e incrédulos, a enfermeira de plantão, mulher de semblante sereno e olhar compassivo, levou a boa notícia ao médico responsável pelo caso. O coração pesado de emoção, ela abriu a porta do consultório e adentrou, encontrando o médico absorto em seus pensamentos.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa, dona Cláudia? — perguntou.

Os olhos cansados da mulher refletiam a exaustão de anos de cuidados intensivos. Com voz trêmula, a enfermeira compartilhou a notícia milagrosa, transmitindo a chama da esperança que brilhava nos olhos do paciente recém-acordado. O médico ergueu os olhos, uma mistura de surpresa e esperança se formaram em seu rosto, enquanto as palavras de alegria e gratidão escapavam de seus lábios em um sussurro abafado.

— Onde é que estou? — questiona perplexo. — Quem são vocês? O que eu estou fazendo aqui? — continua, mas dessa vez olhando em volta.

— Há 5 anos o senhor sofreu um grave acidente de carro, mas graças a Deus o senhor não morreu, ficou em coma todo esses anos — revelou um tom suave o médico.

Franciis não se lembrava de muita coisa, mas durante o sonho ouvia a voz de uma mulher chamando por ele e pedindo ajuda. A mulher tinha a voz igual a da Lueji. Incrédulo, e vindo-lhe à mente alguns flashbacks da vida passada, perguntou pela amada:

— E a Lueji? Onde é que está a Lueji? A gente estava comemorando o nosso aniversário de namoro e...

— Sua mulher morreu e o corpo dela nunca foi encontrado — entrou dizendo o irmão mais velho do Franciis que também trabalhava no hospital.

— O quê!? Mas como é que...

— Sim, é a mais pura verdade, meu filho — disse a mãe, chegaram o restante da família que estava em lágrimas ao vê-lo e não acreditavam que Franciis estava vivo depois de todos esses anos.

A família explicou e contou toda a história sobre o acidente, Franciis não conseguiu acreditar no que ouvia. Após semanas, deram-lhe alta no hospital e voltou para casa e, dias depois, voltou ao trabalho, mas jurando encontrar a Lueji, porque sentia que não estava morta apesar do que ouviu.

## **CINCO ANOS DEPOIS**

Bom, dentro de um necrotério, geralmente encontramos um ambiente sério e solene, dedicado ao trabalho de especialistas em medicina legal e patologistas. No exterior, normalmente, tem uma entrada discreta e pouco chamativa, muitas vezes com um letreiro indicando o local.

Franciis tinha terminado mais um trabalho, mas ainda falta mais um corpo para fazer a autópsia. Segundo os seus colegas e as informações trazidas, a vítima tinha sido carbonizada pelo fogo; porém, de tanto cansaço, Franciis não tinha visto ou entrado em contato com o novo cadáver que tinha chegado pela manhã. Bem, cara leitor, a autópsia de um corpo carbonizado é um procedimento bastante delicado e desafiador devido ao estado do corpo. Em primeiro lugar, o corpo é cuidadosamente examinado para determinar a extensão dos danos causados pelo fogo. Os médicos legistas como Franciis geralmente procuram identificar qualquer característica física ou evidência forense que possa ajudar na identificação da vítima.

Franciis sabia que tinham que ser coletadas amostras de tecido e fluidos do corpo carbonizado recém-chagado para análise laboratorial e que isso poderia incluir a coleta de sangue, tecido muscular, cabelo e amostras de órgãos internos.

Frente ao computador, já ao meio dia, ouve barulhos entranhos de crianças e mulher chorando vindo da sala de autopsia. Pensando que fosse uma brincadeira dos colegas, chamou por eles, mas ninguém respondeu. Ninguém mais estava ali, apenas ele e os corpos mortos. Todos os colegas estavam no segundo piso. A sala de autopsia ficava embaixo.

Caminhou lentamente até à sala e nada havia se não os corpos. Olhou para o corpo coberto, trazido pela manhã e meteu-se a caminhar até ele, quando a luz oscilou e repentinamente tudo ficou mais escuro com a luz fraca. Franciis foi até à caixa de energia que lá estava para verificar se algum fio tinha se mexido e, quando voltou, o corpo carbonizado já não estava mais.

Achando que era fruto do sono e cansaço, levou a mão aos olhos para os esfregar e, quando tirou, uma mulher linda e bem viva, o cadáver carbonizado, está bem na sua frente olhando-o. Com medo e não acreditando, Franciis marcava passos para trás na tentativa de fugir ou alguma coisa do gênero.

— Quem és tu? O que queres? Isso é algo... só deve ser uma partida que os meus olhos estão me pregando. Isso não é real, eu não falo com cadáveres. Isso não está acontecendo... acho que preciso urgentemente de descanso... eu... — exclamava, com medo e passos para trás quando foi interrompido por ela:

— Sou eu, Franciis, a Lueji, a tua Lueji, o amor da tua vida. Você me encontrou.

— Lueji!? Não, não, não... Você não é a Lueji, eles disseram-me que você morreu no acidente que tivemos e o teu corpo nunca foi encontrado.

— Não foi bem isso que aconteceu, eu posso contar tudo para que possas entender e nos salvar, meu amor.

— Salvar? De quem? De onde? Quem és tu? Deixa-me em paz, tu não és a Lueji. Tu não és...

— Sou eu, meu amor — disse com vivacidade e as luzes voltaram a se acender revelando para o Franciis que, na verdade, era mesmo a sua amada. Aquele corpo, tom de pele, rosto e voz era inconfundível, ele conhecia bem aquele corpo. — Eu vou contar tudo o que aconteceu comigo:

“ Era uma noite linda, a lua cheia lançava uma luz pálida sobre a estrada deserta que liga Huíla e Namibe. Bom, enquanto o carro avançava em direção a um destino desconhecido. Tu e eu estávamos em silêncio segurando a mão um do outro, mas eu estava sentindo a tensão pairando no ar, uma sensação de que algo sinistro estava por vir.

De repente, sem você se aperceber de nada, um vulto surge inesperadamente à frente do carro, fazendo com que você pensasse que fosse um buraco na estrada e desviasse bruscamente para evitar a colisão. O veículo perdeu os travões e o controlo, derrapando violentamente pela estrada molhada, antes de despencar em um lugar escuro e sinistro, envolto por uma névoa gélida e misteriosa na estrada.

O teu coração disparava enquanto o carro se chocava contra os ferros, até finalmente parar em um sítio irregular e enevoadado. O barulho do impacto

ecoava na noite silenciosa, o metal retorcido rangendo como um grito agônico.

Eu, atordoada e ofegante, olhei para ti com olhos arregalados de terror, enquanto você tentava em vão acalmar os batimentos acelerados do coração e o pensamento embrulhado de pavor. O silêncio opressivo que se seguia foi interrompido apenas pelo som distante de bichos uivando e galhos lá embaixo no abismo rangendo ao vento.

Você percebeu uma luz fraca surgindo ao longe, como se fosse uma cena de um pesadelo, iluminando algo que se movia lentamente na escuridão. Um arrepio percorre sua espinha, enquanto você lutava para desatar o cinto de segurança e se preparar para enfrentar o desconhecido.

O medo se misturava com a determinação em sua mente confusa, impulsionando-o a sair do carro e adentrar a escuridão à sua frente. O ar frio e úmido sussurrava segredos desconhecidos sobre mim e a minha família, enquanto os teus olhos vasculhavam a penumbra em busca de respostas.

Diante de ti, erguendo-se em meio à névoa densa, surge uma figura fantasmagórica e indistinta, um vulto pálido e etéreo que parece desafiar a própria realidade. Esse é o meu avó, o que há muito vem assolando minha família e matando todo mundo, até o próprio filho que é o meu pai. Você não sabe, mas naquele dia do acidente eu estava concebida e queria fazer-te uma surpresa, mas não consegui infelizmente.

O teu coração ficou congelado de terror, enquanto o meu avó se aproximava lentamente, revelando um rosto pálido e sem vida, com olhos vazios e sem emoção, e completamente nú.

Um grito estrangulado escapa da minha garganta, ressoando pela noite sem fim, enquanto vi-me envolto por uma aura de horror e desespero. A verdade sombria do que se escondia por trás daquela aparição macabra se revelava lentamente para mim, mas eu já sabia de quem se tratava. Meu avó poupou a sua vida, eu pedi que ele tirasse só a minha, porque você não tinha nada a ver com os nossos problemas familiares, Franciis.

Quando chamava por você ao longe, minha voz soava distante e distorcida, como se viesse de um mundo além do alcance de sua mente. Em um último lampejo de coragem, você se virou e correu na direção da luz fraca, buscando desesperadamente por ajuda. Mas, infelizmente para mim, não havia mais salvação, meu avó explodiu o carro, eu morri carbonizada e fui levada ao...”

— Oiê, Francisco, acorda — um dos colegas chamava por Franciis que dormia frente ao computador. — Há corpos para fazer autopsia, mas faremos isso só amanhã, vamos embora.

— Lueji! — gritou o Franciis ao despertar. — Onde é que está a Lueji!?

O colega não entendia o porquê dele, depois de muitos anos estar perguntando sobre a sua namorada que faleceu há muito em um acidente que ele mesmo sabe.

— Supera isso, irmão. A Lueji está morta há anos e tu sabes.

— Mas eu... eu conversei com ela. Ela me disse que...

— Eu não vi aqui ninguém e contrei-te a dormir frente ao computador, Franciis. Deve ser um sonho apenas. Isso acontece muito quando se está pensando em alguém a todo momento. Talvez seja um reencontro. Melhor, o último reencontro, um reencontro no necrotério, irmão. Os mortos falam.

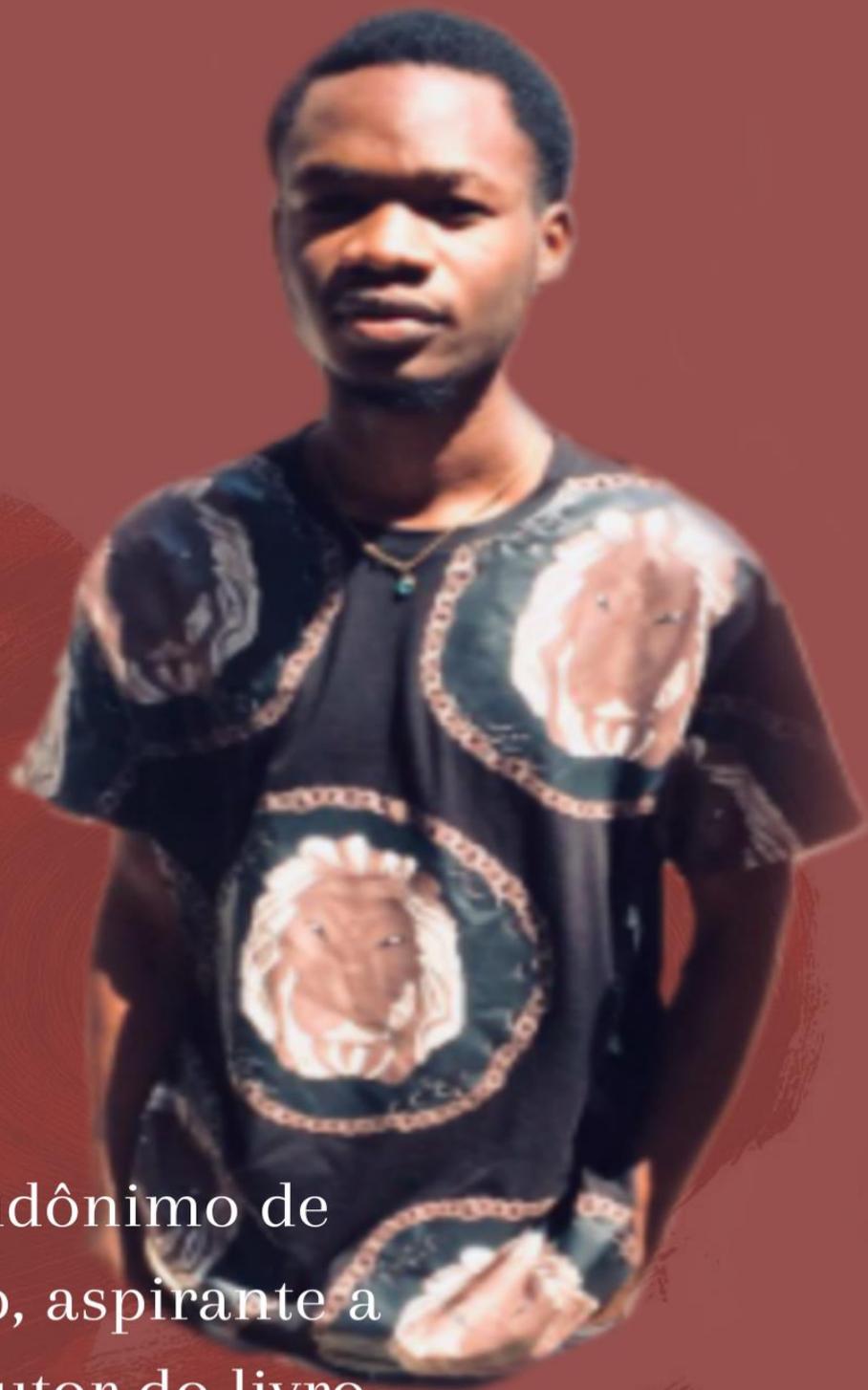
Foram ver o corpo para terem certeza, mas já não estava lá, tinha sumido por completo.

**Fim.**



## **NOTA DO AUTOR**

Qualquer semelhança com a realidade é meramente coincidência, nada do que aqui foi narrado por mim é real, é simplesmente fruto da minha imaginação e criatividade. O meu muito obrigado por teres chegado até aqui.



**SHIN CHAN**, pseudônimo de Melo Odilio António, aspirante a escritor e rapper, autor do livro “A Rua 9” e co-autor do livro “O Meu Médico Oftalmologista”, participante em diversas obras; antologias e coletâneas. Nascido aos 23 de Junho na província da Lunda-norte.